

POSÍDIPO DE PELA E OS PTOLOMEUS: UMA TRADUÇÃO DOS EPIGRAMAS EQUESTRES 78-82 AB E 87-88 AB (*P.MIL.VOGL.* VIII 309, COL. XII 20 – XIII 14 E XIII 31 – XIV 1)

POSIDIPPUS OF PELLA AND THE PTOLEMIES: A TRANSLATION OF THE EQUESTRIAN EPIGRAMS 78-82 AB AND 87-88 AB (*P.MIL.VOGL.* VIII 309, COL. XII 20 – XIII 14 AND XIII 31 – XIV 1)

Ricardo Tieri de Brito
Universidade de São Paulo

Christian Werner
Universidade de São Paulo

Resumo

Este artigo se dedica à tradução e comentário de um conjunto de epigramas atribuídos ao poeta helenístico Posídipo de Pela, que celebram as vitórias equestres de membros da dinastia Ptolemaica em jogos pan-helênicos: 78-82 AB e 87-88 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XII 20 – XIII 14 e XIII 31 – XIV 1). Articulando *tópoi* do epinício tardo-arcaico e da tradição do epigrama agonístico, as composições poéticas celebram a glória da casa reinante do Egito no início do século III a.C., pondo em evidência suas figuras femininas: Berenice I, Arsínoe II *Philadelphos* e Berenice *Phernophoros* (ou Berenice II *Euergétis*).

PALAVRAS-CHAVE: Poesia helenística; Posídipo; Epigrama; Dinastia Ptolemaica.

Abstract

This article is dedicated to the translation and commentary of a set of epigrams attributed to the Hellenistic poet Posidippus of Pella, which celebrate the equestrian victories of members of the Ptolemaic dynasty in Panhellenic games: 78-82 AB and 87-88 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XII 20 – XIII 14 and XIII 31 – XIV 1). Articulating *topoi* from the late-archaic epinician poetry and the agonistic epigram tradition, the poetic compositions celebrate the glory of the royal house of Egypt at the beginning of the 3rd century B.C., evincing the female figures: Berenice I, Arsinoe II *Philadelphos* and Berenice *Phernophoros* (or Berenice II *Euergétis*).

KEYWORDS: Hellenistic poetry; Posidippus; Epigram; Ptolemaic Dynasty.

O Papiro de Milão (*P.Mil.Vogl.* VIII 309) e o Novo Posídipo¹

¹ Este artigo foi elaborado durante a vigência de projeto de pesquisa de mestrado financiado pela FAPESP (Proc. n. 2022/11066-1). Agradecemos ao Prof. Dr. Fernando Rodrigues Jr., pela leitura atenta e pelos comentários à versão inicial do texto. Os agradecimentos também se estendem aos pareceristas, cujas observações e sugestões foram fundamentais para o aperfeiçoamento do presente artigo.

A descoberta do chamado *Papiro de Milão* (*P.Mil.Vogl.* VIII 309), editado pela primeira vez em 2001², abriu uma nova senda no estudo do epigrama helenístico. Atribuídos a Posídipo de Pela³, os cerca de 112 epigramas, totalizando aproximadamente 606 versos distribuídos em 16 colunas⁴, são oriundos de uma cartonagem de múmia da região de Fayum, no Egito⁵. Datado dos fins do século III AEC⁶, esse rolo de papiro é a cópia supérstite mais antiga de um livro de poesia helenística de que dispomos⁷.

Natural de Pela, capital do antigo reino da Macedônia, Posídipo nasceu provavelmente no último quartel do século IV⁸, e foi ativo como poeta nas décadas iniciais do século III⁹, atuando na corte dos primeiros Ptolomeus, que reinaram sobre o Egito após a divisão do império de Alexandre Magno pelos *diádokhoi*¹⁰. Até a publicação do *Papiro de Milão*, o *corpus* poético supérstite de Posídipo compreendia 24 epigramas¹¹, transmitidos em diferentes fontes, consensualmente denominado na literatura especializada como *Velho Posídipo*, e em maioria de caráter erótico-simpósial¹².

² Cf. Bastianini, Gallazi & Austin (2001) para a *editio princeps* (abreviada como “BG”) e Austin & Bastianini (2002a) para a *editio minor* (abreviada como “AB”). Todas as citações ao texto de Posídipo que constam neste artigo são extraídas da *editio minor*.

³ Não é o propósito deste artigo discutir amplamente a atribuição de autoria dos epigramas a Posídipo. Cf. Bastianini, Gallazi & Austin (2001, p. 22-24) para uma análise aprofundada da atribuição de autoria do texto que consta no *Papiro de Milão* (*P.Mil.Vogl.* VIII 309). Gutzwiller (2005, p. 2 e 2019, p. 360-361) discute as controvérsias que emergiram na literatura especializada sobre a atribuição da totalidade dos epigramas a Posídipo, hoje praticamente consensual. Como asseveram Gallazi, Bastianini & Austin (2001, p. 22) não há, no rolo, qualquer indicação, nem marginal, tampouco interlinear, de autoria do texto. Os editores lembram que a parte inicial do rolo de papiro, não preservada, conteria o título da obra e a atribuição de autoria. Dois epigramas presentes no *Papiro de Milão* (*P.Mil.Vogl.* VIII 309) eram conhecidos anteriormente e atribuídos a Posídipo (AB 15 = GP 20 e AB 65 = GP 18), cf. Gutzwiller (2005, p. 2). Por “GP” abrevia-se, neste artigo, a edição da *Antologia Grega* de autoria de Gow & Page (1965).

⁴ Cf. Gutzwiller (2019, p. 357).

⁵ Cf. Gutzwiller (2005, p. 1). O *Papiro de Milão* (*P.Mil.Vogl.* VIII 309) foi adquirido de um antiquário no início dos anos 1990 pela *Fondazione Cariplo* e doado posteriormente à *Università degli Studi di Milano*. Medindo 1,5 m, aproximadamente, o rolo de papiro foi reaproveitado como cartonagem peitoral de uma múmia, o que, fortuitamente, garantiu sua relativa preservação (Austin, 2005, p. 68).

⁶ Todas as datas citadas neste artigo são situadas AEC, à exceção daquelas em que se informe o contrário.

⁷ Cf. Gutzwiller (2019, p. 351). Para discussões mais aprofundadas a respeito do livro de poesia na antiguidade, em especial à época helenística, cf. Hutchinson (2008).

⁸ Cf. Gutzwiller (2019, p. 351-352).

⁹ Gutzwiller (2019, p. 352) menciona as evidências epigráficas que citam o nome do poeta: os decretos de Delfos (c. 276/75) e de Térmon (c. 263/62) que o adjetivam como *epigrammatopoiós* (ἐπιγραμματοποιός). Cf. Austin & Bastianini (2002a, p. 19, *Testimonia*: T 2-3 AB).

¹⁰ Neste artigo, a transliteração dos vocábulos gregos para o alfabeto latino observa o previsto nas *Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo* elaboradas por Anna Lia de Almeida Prado (Cf. Prado, 2006). *Diádokhoi* ou *sucessores*: gerais que capitanearam as chamadas “Guerras dos Sucessores”, guerra civil pela hegemonia no império de Alexandre Magno após a sua morte (junho/323), dentre os quais se destacava Ptolomeu Lágida, posteriormente Ptolomeu I *Sôtér* do Egito, cf. Meeus (2013, p. 6432-6434).

¹¹ Cf. Gow & Page (1965, v. 1, p. 166-174).

¹² Cf. Gutzwiller (2019): “o termo ‘Velho’ Posídipo é uma forma abreviada para denominar os epigramas atribuídos a Posídipo que eram conhecidos antes da publicação do *Papiro de Milão*, isto é, os 24 impressos sob o título “Posídipo” na edição Gow-Page. A maioria desses poemas foi transmitida nas *Antologias Palatina* e de

Convencionalmente, designa-se *Novo Posídipo* o *corpus* formado pelos epigramas que vieram à luz com a publicação do trabalho de Bastianini, Gallazzi & Austin (2001) na edição do papiro milânês. Alguns deles mal preservados e que contam com emendas dos editores, os poemas são organizados sob títulos¹³: *lithiká* – 20 epigramas sobre pedras preciosas; *oiōnoskopiká* – 15 epigramas sobre aves de presságio ou, simplesmente, presságios; *anathematiká* – seis poemas sobre dedicações votivas, dos quais os quatro primeiros são dedicados à Arsínoe II *Philádelphos*¹⁴; *epitúmbia* – 20 epigramas de temática fúnebre (epitáfios), dos quais 17 são dedicados a mulheres e três a homens; *andriantopoiiká* – nove poemas sobre estatuária em bronze; *hippiká* – 18 epigramas sobre vitórias hípicas, dos quais sete são dedicados a membros da Casa dos Ptolomeus (78-82 AB e 87-88 AB); *nauagiká* – seis epigramas sobre vítimas mortas em naufrágios; *iamatiká* – sete epigramas votivos sobre curas, o primeiro a Apolo, e os seguintes a Asclépio; *trópoi* – oito epigramas fúnebres em primeira pessoa que têm como *persona loquens* o morto dirigindo-se aos passantes; e por fim uma última seção lacunosa, cujo título é ilegível, que contém três epigramas¹⁵ (cf. Tabela 1).

Tabela 1 – Organização interna do *Papiro de Milão* (P.Mil.Vogl. VIII 309).

Título	Tema	Total de linhas	Epigramas	Localização no P.Mil.Vogl. VIII 309
[<i>lithi</i>]ká ¹⁶	Pedras preciosas	126 linhas	1-20 AB	col. I 1 – IV 6
<i>oiōnoskopiká</i>	Presságios	80 linhas	21-35 AB	col. IV 7 – VI 8
<i>anathematiká</i>	Dedicações votivas	38 linhas	36-41 AB	col. VI 9 – VII 8
[<i>epitúmbia</i>]	Fúnebre	116 linhas	42-61 AB	col. VII 9 – X 6
<i>andriantopoiiká</i>	Estatuária em bronze	50 linhas	62-70 AB	col. X 7 – XI 19
<i>hippiká</i>	Vitórias equestres	98 linhas	71-88 AB	col. XI 20 – XIV 1
<i>nauagiká</i>	Vítimas mortas em naufrágio	26 linhas	89-94 AB	col. XIV 2–28
<i>iamatiká</i>	Curas	32 linhas	95-101 AB	col. XIV 29 – XV 22
<i>trópoi</i>	Caracteres de mortos	32 linhas	102-109 AB	col. XV 23 – XVI 17
[título ilegível]	–	≅ 8 linhas	110-112 AB	col. XVI 18 – 28?

Fonte: Bastianini, Gallazzi & Austin (2001, p. 24-27), Austin & Bastianini (2002a, p. 21), Krevans (2007, p. 142), Stephens (2018, p. 26-27) e Amaral (2020, p. 34-35).

Planudes e derivam, em última instância, da *Guirlanda* de Meleagro; quatro vem de Ateneu, um de Tzetzes, e três de papiros” (Gutzwiller, 2019, p. 353). Tradução nossa: todas as traduções de textos modernos citadas neste artigo são de nossa autoria, à exceção de quando informado o contrário. Há ainda seis epigramas com autoria disputada que constam na seção “Asclepiades” da edição de Gow e Page (1965, v. 1, p. 53-54, GP 34-39), cf. Gutzwiller (2019, p. 353) para uma discussão mais ampla.

¹³ Cf. Krevans (2007, p.142).

¹⁴ Tendo fundado o culto funeário de seus pais, Ptolomeu I *Sôtér* e Berenice I – divinizados como *Theoi Sôtéres* –, Ptolomeu II *Philádelphos* instituiu em 272/271 o culto aos *Theoi Adelphoi*, divinizando em vida a si e sua consorte, Arsínoe II *Philádelphos*, na tradição dos antigos faraós: os reis ptolomaicos, projetavam-se assim, como divindades vivas. Cf. Vantorpe (2013, p. 763-765).

¹⁵ Cf. Stephens (2018, p. 26-27).

¹⁶ Os colchetes utilizados no texto grego transliterado indicam as emendas do editor, conforme constam na *editio minor* de Austin e Bastianini (2002, p. 21).

Em estudo dedicado à organização interna do papiro milanês, Gutzwiller (2004, p. 84) observa que sua divisão em seções temáticas, cada qual encimada por um título, constitui um dos traços mais surpreendentes da coleção de epigramas, pois prefiguraria, *mutatis mutandis*, a configuração das *Antologias Palatina* e *Planúdea*, datadas já da Era Comum¹⁷ e devedoras da compilação do bizantino Constantino Céfalas, perdida em sua forma original¹⁸.

A opção de Céfalas, reproduzida nas compilações multiautorais posteriores, teria suas raízes nas *Guirlandas* de Meleagro de Gadara e Filipe de Tessalônica¹⁹, das quais segmentos completos sobreviveram no interior da *Antologia Grega*²⁰. Especula-se que a *Guirlanda* de Meleagro fosse dividida em quatro seções, cujos poemas guardariam entre si semelhanças temáticas e lexicais: funerários, anatemáticos, eróticos e epidíticos²¹. Na *Guirlanda* de Filipe, por sua vez, prevaleceu a organização alfabética, com base na letra inicial da primeira palavra de cada poema, totalizando 24 livros²².

O critério temático de organização está igualmente presente na única coleção de epigramas gregos atribuída a um só autor que foi transmitida pela tradição manuscrita: de Teócrito²³, o livro conta com 22 poemas, subdivididos entre os de temas bucólicos (1-6), sepulcrais e dedicatórios (7-16) e os epigramas com metros variados (17-22)²⁴. As evidências apontam, no entanto, para uma edição póstuma e de datação posterior a da *Guirlanda* de Meleagro, que não incluiu os poemas em sua obra²⁵.

¹⁷ Datadas dos séculos X e XIII d.C., respectivamente. Cf. Amaral (2009, p. 25-30) para uma apreciação mais detalhada em língua portuguesa a respeito da história das antologias de epigramas a partir da *Guirlanda* de Meleagro.

¹⁸ Amaral (2009, p. 29).

¹⁹ Gutzwiller (2019, p. 357). Estima-se que a *Guirlanda* de Meleagro tenha sido editada por volta de 90 a.C., já a antologia de Filipe remontaria ao principado de Nero, c. 40 d.C. (Amaral, 2009, p. 25 e 28).

²⁰ Termo atribuído à edição que congrega os livros das *Antologias Palatina* e *Planúdea* (Amaral, 2009, p. 29).

²¹ A hipótese foi formulada por Cameron (1993, p. 24-33). O títulos remetem à divisão empreendida por Agátias no *Ciclo*, do reinado do imperador Justiniano II (c. 568), e que tem a obra de Meleagro como fonte: “essas são apenas quatro das sete divisões de agatianas para as quais poetas meleagrinos fizeram qualquer contribuição” (Cameron, 1993, p. 26). Embora o lematista da *Antologia Palatina* tenha afirmado, em nota marginal ao poema introdutório de Meleagro (Cf. Gow & Page, v. 1, 1965, p. xiv), que a organização dos epigramas seguisse um critério alfabético, desde o trabalho de Radinger (1895) construiu-se um consenso na literatura de que a antologia de Meleagro foi editada tendo-se em conta um critério temático. Cf. Prioux (2019, p. 390-393) para um resumo da discussão acadêmica sobre o tema.

²² Cameron (1993, p. 37) demonstra que Filipe não seguiu fielmente o princípio alfabético na organização interna de cada livro, prevalecendo apenas a primeira letra da primeira palavra de cada epigrama como critério organizador.

²³ Cf. Gow (1952) para a edição dos epigramas atribuídos a Teócrito. Essa coleção foi transmitida na família ambrosiana de manuscritos (Gutzwiller, 1998, p. 41).

²⁴ Gutzwiller (1998, p. 42).

²⁵ Cf. Gutzwiller (1998, p. 41-46) para uma discussão aprofundada a respeito do livro de epigramas de Teócrito, inclusive as controvérsias em torno da sua atribuição. Em suma, o argumento de que Meleagro não incorporou os epigramas fundamenta-se no fato de que os poemas atribuídos a Teócrito parte dessa coleção e que constam

Para Gutzwiller (2004), a configuração dos poemas no papiro milanês permite inferir que esta tendência editorial de ordenamento dos epigramas – temática – remonta ao menos ao século III, ainda no período helenístico. Embora nem sempre seja automática a identificação dos poemas com os subgêneros epigramáticos sugeridos pelos títulos, observa-se, no trabalho do editor, que os epigramas “são ordenados para criar uma certa experiência poética e temas tomam precedência sobre categorias formais” (Gutzwiller, 2004, p. 85). Desse modo, a coesão é atingida pelo uso de técnicas que incluem o agrupamento de poemas levando-se em conta semelhanças estruturais e lexicais (*ibid.*).

Este artigo se concentra na tradução e comentário de sete epigramas da seção dos *hippiká*, dedicados à celebração das vitórias equestres de membros da Dinastia Ptolemaica nos jogos atléticos pan-helênicos: 78-82 AB e 87-88 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XII 20 – XIII 14 e XIII 31 – XIV 1). Aos *laudandi*²⁶ propriamente ditos, Berenice *Phernophóros* (ou Berenice II *Euergetis*), Berenice I e Ptolomeu II *Philádelphos*, junta-se um elogio de toda a linhagem, evocando as figuras de Ptolomeu I *Sôtér*, Arsínoe II *Philádelphos* e Ptolomeu III *Euergetēs*²⁷.

Espaços de sociabilidade da aristocracia grega, as competições atléticas dos grandes festivais pan-helênicos se constituíram como um palco importante para a projeção da imagem de monarcas e autocratas, pródigos na dedicação de estátuas votivas e na construção de tesouros, principalmente em Olímpia e Delfos²⁸. Seguindo o exemplo da realeza macedônia, que passou a frequentar os jogos a partir século V²⁹, e mais diretamente de Filipe II³⁰, os

na *Antologia Palatina* encontram-se sempre afastados das sequências identificadas como extraídas da *Guirlanda* de Meleagro.

²⁶ Emprega-se a terminologia utilizada nos *Studia Pindarica* (1962) de E. L. Bundy (cf. Bundy, 1986), aplicada ao epinício, transposta aqui para o epigrama equestre de Posídipo. *Laudandus* é o sujeito ao qual o elogio se dirige, *laudator*, o seu autor. (Cf. Miller, A. M., 2019, p. 13).

²⁷ Barbantani (2017) observa que “frisar as contribuições femininas à ideologia imperial de vitória é um traço comum entre Calímaco e Posídipo” (Barbantani, 2017, p. 352). Mesmo não expressamente nomeado, Ptolomeu III *Euergetēs* participa da vitória atlética, seja por compartilhar o nome com os seus antecessores, seja pelo parentesco com a *laudanda* dos epigramas 78 a 82 AB – sendo ela sua consorte, Berenice II, ou sua irmã, Berenice *Phernophóros* – e com os *laudandi* dos epigramas 87 a 88 AB, sua avó, Berenice I, e seu pai, Ptolomeu II *Philádelphos*: toda a dinastia é glorificada na poesia de Posídipo.

²⁸ Mari & Stirpe (2021, p. 88-89).

²⁹ A primeira vitória dos Argéadas nos Jogos Olímpicos foi relatada por Heródoto (5.22), que narra a participação de Alexandre I, vencedor no *stádion* (Clayman, 2013, p. 142).

³⁰ O pai de Alexandre Magno venceu em Olímpia na corrida de cavalo em 352 e na quadriga em 338. O *Philippeion*, construção jônica circular, continha uma representação em criselefantina da família do monarca, ele próprio, a esposa Olímpia, o herdeiro Alexandre, além dos pais de Filipe, Amintas e Eurídice (Kosmentatou, 2004, p. 234). Note-se que a mesma técnica escultórica (em ouro e marfim) foi utilizada na estátua de Zeus no templo principal do complexo, atribuída a Fídias (Clayman, 2013, p. 142-143).

primeiros reis ptolemaicos do Egito souberam usar a celebridade trazida pela vitória atlética, vencendo provas equestres nos principais *agônes* do mundo grego³¹.

A preferência pelas modalidades hípicas também não é acidental: proverbialmente dispendiosa desde a antiguidade, a criação de cavalos para competição também envolvia o transporte dos animais, equipagem e treinadores para o local dos jogos, caracterizando uma imensa demonstração de poder e riqueza³². Diferente das outras provas, no qual o vencedor era aquele que se testava pessoalmente contra seus competidores, o vitorioso das modalidades hípicas era o proprietário dos cavalos, e não seu condutor. Tal fato, aproveitado pelos Ptolomeus, permitiu que as mulheres da dinastia figurassem como vencedoras das competições, algo impossível em outras provas, já que mulheres eram proibidas de competir³³.

Como destaca Clayman (2013), “uma das inovações políticas mais importantes dos Ptolomeus foi o *power couple*” (Clayman, 2013, p. 121), o casal poderoso. Seguindo a tradição das mulheres da Casa dos Argéadas, célebres por intervirem nos assuntos de Estado³⁴, suas sucessoras ptolemaicas são representadas como corregentes, principalmente a partir do reinado de Ptolomeu II e Arsínoe II *Philádelphoi*³⁵. A participação das mulheres da dinastia nas competições atléticas pan-helênicas se insere, assim, em uma estratégia de projeção da imagem do casal real.

Como asseveram Fantuzzi & Hunter (2005), o “carisma real era majoritariamente entendido como um *kýdos* marcial ou agonístico” (Fantuzzi & Hunter, 2005, p. 378). Estando a arena da guerra vedada às mulheres – e à exceção de Arsínoe II *Philádelphos* e Berenice II *Euergetis*, não há testemunhos de rainhas participando de batalhas³⁶ –, o espaço dos jogos pan-helênicos se constituiu como um importante local para a difusão da fama e a reafirmação do poder e riqueza das rainhas ptolemaicas.

Esse *kýdos* agonístico, que Kurke (1991, p. 206) definiu como a transposição para o mundo civil do *kýdos* guerreiro dos heróis homéricos, é dotado de um “poder talismânico”³⁷,

³¹ Ptolomeu I *Sôtér*, fundador da dinastia, foi vitorioso em provas nos Jogos Píticos, em Delfos, e nos Jogos Olímpicos, em Olímpia (Clayman, 2013, p. 143).

³² Nicholson (2021, p. 243-244).

³³ O precedente foi fixado por Cinisca, princesa espartana, filha do rei Arquidamos de Esparta, que venceu na quadriga nos Jogos Olímpicos em 396 ou 392 (Scanlon, 2021, p. 666).

³⁴ Fantuzzi & Hunter (2005, p. 378).

³⁵ Clayman (2013, p. 121).

³⁶ Cf. Fantuzzi & Hunter (2005, p. 380-381) para uma discussão das participação direta das duas rainhas em assuntos militares.

³⁷ Tanto a expressão como o conceito foram originalmente cunhados por Benveniste (1973, p. 346-356).

que confere lustre ao vencedor e sua cidade. Num contexto monárquico, a posse desse “talismã de supremacia” torna-se ainda mais relevante, conferindo legitimidade ao casal real e toda a dinastia. Como os tiranos da Sicília no século V, Hierão de Siracusa e Terão de Acragas, e do rei de Cirene, Arcesilau, que comissionaram a poetas canções em honra de suas vitórias³⁸, os primeiros Ptolomeus não se furtaram em promover sua glória por meio da poesia: o ambiente cultural único criado em Alexandria com o patrocínio real permitiu a comemoração de seus feitos por poetas como Calímaco, Posídipo e Teócrito.

Os *hippiká* de Posídipo: entre o epigrama agonístico e o epinício

A composição dos *hippiká* de Posídipo é tributária de duas tradições poéticas que têm como função o elogio da vitória atlética nos jogos pan-helênicos: o epigrama agonístico e o epinício. O primeiro, inscrito e sobretudo anônimo, tem suas primeiras atestações no século VI e permaneceu em voga durante toda a Antiguidade³⁹, acompanhando dedicações estatuárias nos santuários-sede dos *agônes*, comissionados pelos vencedores, suas famílias ou pólis de origem.

O epinício, espécie de mélica coral destinada à *performance* no local dos jogos ou na *pólis* do vencedor, é marcado pela complexidade métrica e de linguagem, pelo uso de um dialeto literário de raiz dórica e pelas extensivas passagens míticas. Do gênero, dispomos de fragmentos de poemas atribuídos a Íbico e Simônides – seus primórdios –⁴⁰, de exemplares completos da primeira metade do século V, de autoria de Baquilides e Píndaro⁴¹, e fragmentos do que parece ser o seu ocaso, um epinício de Eurípedes dedicado a Alcebiades de Atenas, datado de 416⁴².

O aparente desaparecimento do epinício, observa Barbantani (2012, p. 37), coincide com um aumento expressivo do número de competições atléticas e poéticas, não só na Grécia balcânica, mas em todo o espaço falante de grego no Mediterrâneo antigo⁴³. No período

³⁸Esses monarcas figuram como *laudandi* nos epinícios de Píndaro. Na Sicília, além dos tiranos, alguns de seus associados mais próximos comissionaram poesia para comemorar suas vitórias nos jogos pan-helênicos, cf. Miller, A. M. (2019). Hierão de Siracusa também se valeu dos serviços de Baquilides (*Epinícios* 3, 4 e 5).

³⁹ Cf. Kampakoglou (2019, p. 75).

⁴⁰ Para uma discussão aprofundada sobre os primórdios do epinício e, principalmente, os fragmentos de Íbico e Simônides, cf. Rawles (2016).

⁴¹ Cf. Kampakoglou (2019, p. 75).

⁴² Cf. fr. 755-756 PMG (Page, 1962, p. 391).

⁴³ Cf. Barbantani (2017, p. 350).

helenístico, o louvor da vitória atlética se deu sobretudo por meio do epigrama⁴⁴, da elegia e até mesmo do jambo⁴⁵.

Angeli Bernardini (2000, p. 32), analisando o desenvolvimento e coexistência do epigrama agonístico e do epinício no período clássico, delimita duas categorias que permeiam a economia dessas composições poéticas: os *dati indispensabili* – nome do vencedor, paternidade, pátria, modalidade esportiva, lugar da vitória, categoria de idade do concorrente, entre outros – e os *dati accessorii* – qualidades do vencedor, elogio, excepcionalidade do triunfo, superioridade em relação aos rivais, ligação com a família e a cidade, *et al.* Kampakoglou (2019, p. 75), recuperando as lições de Ebert (1972, p. 18-19), que observou um aumento na complexidade e no grau de elaboração dos epigramas agonísticos a partir do período clássico, nota a progressiva incorporação de *dati accessorii* à estrutura padrão desses poemas.

Ao abordar a recepção de Píndaro nos *hippiká* de Posídipo, Kampakoglou (2019, p. 73-99) discute a apropriação de motivos tradicionais do epinício pindárico, como o do dispêndio de recursos (*dapánē*) para a participação nas competições equestres⁴⁶, a utilização de mitos no epinício *versus* a alusão a figuras do passado nos epigramas de Posídipo⁴⁷, e as semelhanças e diferenças do conceito de *phyá* (a excelência nata, *grosso modo*) na cosmovisão de Píndaro e no elogio atlético dos *hippiká*, sobretudo em 78 e 88 AB⁴⁸.

⁴⁴ Cf. Köhnen (2007) para um *survey* completo do epigrama-epinício (*epinician epigram* no original inglês) no período helenístico.

⁴⁵ Fuhrer (1993), Barbantani (2012) e Kampakoglou (2019, p. 19-72) analisam a recepção do epinício na poesia de Calímaco de Cirene. Dos fragmentos supérstites do poeta helenístico, são epinícios as elegias cognominadas de *Victoria Berenices* (SH 254-268C, cf. Harder, 2012) e *Victoria Sosibii* (fr. 384 Pfeiffer, 1949), dedicadas, respectivamente, à celebração das vitórias atléticas de Berenice II *Euergétis* nos Jogos Nemeios, e do estadista ptolemaico Sosibio (são mencionadas vitórias alcançadas nos Jogos Ístmicos, Nemeios, nas Panateneias de Atenas e nas Ptolemaias de Alexandria). Do *Jambo* VIII, também um epinício, um fragmento papiráceo preservou apenas a *diégēsis* (Pfeiffer, 1949, p. 195), na qual o primeiro verso do poema é citado (fr. 198 Pfeiffer, 1949). Segundo a *diégēsis*, o *Jambo* VIII narra o *aíton* da corrida de curso duplo das Hidrofórias de Egina, episódio que também consta nas Argonáuticas de Apolônio de Rodas (4.1765-1772).

⁴⁶ Comparando 77 AB com um trecho da *Ode Ístmica* 6 de Píndaro (I. 6.10-13), Kampakoglou (2019, p. 76-77) nota que em Posídipo, diferentemente de Píndaro, a vitória compensa os gastos. Em Píndaro, “a combinação efetiva de dispêndio de dinheiro com o esforço atlético, excelência nata e o suporte divino formam o fundamento sobre o qual qualquer empreendimento atlético potencialmente bem-sucedido deve se basear” (Kampakoglou, 2019, p. 77).

⁴⁷ Nos três epigramas que abrem os *hippiká*, Kampakoglou (2019, p. 77-86) vê no uso de alusões a figuras do passado, como o do cavalo de Hierão I de Siracusa, Ferênico, citado por Píndaro (O. 1.18 e P. 3.74) e Baquílides (Epinício 5.185), semelhanças com o uso de figuras e episódios míticos nos epinícios pindáricos. *Mutatis mutandis*, valendo-se de uma expressão empregada por Bundy (1986), a alusão a uma figura vitoriosa do passado serviria de *foil* para ressaltar o *kléos* do vencedor.

⁴⁸ Os dois epigramas dão relevo significativo à *areté* da Casa dos Ptolomeus, no qual o *kléos* dos *laudandi* confunde-se com o de seus ancestrais.

Deve-se ressaltar, no entanto, que a opção pela celebração da vitória atlética por meio do epigrama agonístico indica uma escolha pela materialidade do *kýdos* do vencedor. Como observa Barbantani (2012), “se no tempo de Píndaro, o epinício lírico rivalizava com a estatuária na celebração do *kýdos*, o epigrama-epinício é estritamente relacionado a uma estátua, real ou imaginada” (Barbantani, 2012, p. 54)⁴⁹. A filtragem de *tópoi* do epinício pindárico no modelo do epigrama é, assim, marcada por seleções importantes: no caso de Posídipo, em que os *hippiká* aludem fortemente à dimensão física do monumento em que estaria inscrito, parece haver uma combinação entre a eternidade da pedra gravada e a difusão do *kléos* do vencedor⁵⁰, não por meio do canto, mas pela circulação do livro – territorial, pelos vários locais do mundo grego –, e através dos tempos, projetando-se para o futuro⁵¹.

Para Clayman (2013, 149), embora possa parecer natural ler os *hippiká* como epigramas inscritos em pedra, sua real natureza enseja leituras bem diferentes. Trata-se, afinal, de uma série de poemas organizada em forma de livro, escrita em papiro. Como tal, deve-se levar em conta como o poeta joga com as fórmulas tradicionais do epigrama agonístico, explorando os padrões estilísticos da poesia helenística, os *tópoi* da retórica epidítica e as convenções de expressão da corte dos Ptolomeus. Parte de uma coleção de forte teor ecfrástico, contendo a descrição de gemas exóticas intrincadamente gravadas, cenotáfios, dedicações votivas e estátuas em bronze⁵², a seção dos epigramas equestres é aberta por uma sucessão de poemas apresentados como inscrições que acompanham estátuas de cavalos vencedores nos *agônes* (71-77 AB), o que estabelece uma expectativa em relação aos epigramas que se seguem, “incluindo três que foram definitivamente escritos como se

⁴⁹ “Na Grécia arcaica e clássica havia uma espécie de competição entre o poeta profissional e o artista figurativo, cada um apresentando sua própria arte como a mais efetiva: Píndaro na *Nemeia* 5.1-5 proclama de que sua poesia sobre a vitória não é ancorada em manifestações fixas – figurativas e epigráficas – de elogio, mas podem espalhar a glória da *laudandus* por todo o mundo” (Barbantani, 2012, p. 49).

⁵⁰ A relação entre a perenidade da inscrição gravada em pedra e a difusão do *kléos* guerreiro tem raízes homéricas. Na *Iliada* (7.89-91), Heitor imagina reação de um viajante diante da lápide de um guerreiro desconhecido: “ἀνδρὸς μὲν τόδε σῆμα πάλαι κατατεθνηῶτος | ὃν ποτ' ἀριστεύοντα κατέκτανε φαίδιμος Ἔκτωρ. | ὥς ποτέ τις ἐρέει· τὸ δ' ἐμὸν κλέος οὐ ποτ' ὀλεῖται”. / “‘Esse é o cenotáfio de um varão que morreu no passado: | no dia em que exceu, matou-o o insigne Heitor’. | Assim dirão um dia, e minha fama jamais perecerá” (tradução de Werner, 2018, p. 232; texto grego de Van Thiel, 2010, p. 124). Para Dinter (2019), a passagem pertence à “pré-história do gênero” (Dinter, 2019, p. 145-146), sendo propriamente um “pré-epigrama”, uma vez que precede o gênero e o próprio morto (afinal, o cenotáfio é imaginado), que insere o epitáfio e o epigrama na tradição épica subsequente.

⁵¹ Miller, P. J. (2019, p. 449).

⁵² O segmento que precede os *hippiká*, intitulado *andriantopoiiká*, é justamente a dedicada à estatuária em bronze. Aberta como um epigrama programático (62 AB), que cita obras de Ageladas, Policeto e Lisipo, a seção contém inclusive a descrição do Colosso de Rodas (68 AB).

acompanhassem estátuas (85-87 AB), e outros três que podem ser lidos dessa maneira (78, 82 e 88 AB)” (Clayman, 2013, p. 149).

Sobre as traduções

Todas as traduções aos epigramas de Posídipo neste artigo seguem o texto estabelecido pela *editio minor* do papiro milanês (*P.Mil.Vogl.* VIII 309), de Austin & Bastianini (2002a), cotejada com os *Addenda et corrigenda* de lavra dos mesmos editores, que constam na coleção de textos comemorativa pela primeira efeméride de publicação do texto editado (Cf. Austin & Bastianini, 2002b, p. 161). Optou-se, quando relevante, em discutir nos comentários as sugestões editoriais de outros comentadores, acompanhadas de sua tradução, as eventuais dificuldades sintáticas e interpretativas que emergem do texto, além do esclarecimento de informações históricas a respeito dos *laudandi*. Privilegiou-se, na tradução dos poemas em verso livre, a fluência e legibilidade no português falado no Brasil, mantendo, sempre que a sintaxe não soasse artificial, a unidade de sentido encerrada em cada verso. Ao mesmo tempo, a escolha de uma elocução elevada em nossa língua visa reproduzir, dentro do possível, a dimensão de solenidade projetada pelo texto original de Posídipo, em constante intertextualidade com as tradições do epigrama agonístico e do epinício.

78-82 AB: Para Berenice – tradução e comentário

De acordo com a divisão dos *hippiká* proposta por Fantuzzi (2004, p. 220), o intervalo formado pelos epigramas 78 e 82 AB é o segundo dos quatro grupos discerníveis por pertinência temática na organização interna da seção⁵³. A *editio princeps*, de Bastianini, Gallazzi & Austin (2001), identificou como *laudanda* Berenice II *Euergétis* (270-221)⁵⁴, filha de Magas de Cirene (320-250)⁵⁵, e corregente de Ptolomeu III *Euergétēs* (284-221)⁵⁶,

⁵³ Segundo a hipótese de Fantuzzi (2004, p. 220), os epigramas sob o título de *hippiká* dividem-se nas seguintes seções: (1) 71–77 AB; (2) 78–82 AB; (3) 83–86 AB; e (4) 87–88 AB. Em (1), concentram-se as vitórias no *kélēs* (71, 72, 73, 76 e 77 AB) e na quadriga (74 e 75 AB), com foco na figura dos cavalos, ou na dos cavalos e seus donos; em (2), os epigramas destinam-se a celebração de vitórias na quadriga de Berenice (Berenice *Phernophóros*, filha de Ptolomeu II *Philádelphos*, ou Berenice II, consorte de Ptolomeu III *Euergétēs*); em (3) celebra-se a vitória no *kélēs* de *laudandi* de fora da realeza; e em (4) o primeiro (87 AB) como *laudanda* Berenice I, enquanto que o segundo (88 AB), que tem como *persona loquens* Ptolomeu II *Philádelphos*, honra suas próprias vitórias e as de seus antecessores, Ptolomeu I *Sōtēr* e Berenice I.

⁵⁴ Cancik *et al* (2003a, p. 601)

⁵⁵ Filho de Berenice I e seu primeiro marido, Filipos. (Cancik *et al.*, 2006a, p. 125-126).

⁵⁶ Cancik *et al.* (2008, p. 137-138).

sucessor de Ptolomeu II *Philádelphos* (308-246)⁵⁷, cuja reputação de sucesso nas competições equestres pan-helênicas é registrada em fontes independentes dos epigramas do *Novo Posídipo*⁵⁸. Thompson (2005) advogou que a *laudanda* mais provável seria Berenice *Phernophóros* ou Berenice *Syra* (258/80-246-5)⁵⁹, filha de Ptolomeu II *Philádelphos* e consorte de Antíoco II *Theós*, ocupante do trono selêucida⁶⁰. Dos cinco epigramas, três encontram-se bem preservados (78, 79 e 82 AB) e dois (80 e 81 AB) são extremamente lacunares.

78 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XII 20-33)

[ε]ἵπατε, πάντες ἀοιδοί, ἐμὸν [κ]λέος, εἴ[τ]ι π[ο]τ' ἀρέσκει
 γνωστὰ λέγειν, ὅτι μοι δόξ[α παλαιόγονος·]
 ἄρματι μὲν γάρ μοι προπάτωρ Πτολεμ[αῖος ἐν]ίκα
 Πισαίων ἐλάσας ἵππον ἐπὶ στα[δίω].
 καὶ μήτηρ Βερενίκη ἐμοῦ πατ[ρός· ἄ]ρ[μ]ατι δ' αὐτ[ίς] (5)
 νίκην εἴλε πατὴρ ἐκ βασιλέω[ς] βασι[λ]εὺς
 πατρός ἔχων ὄνομα· ζευκτ[ὰς δ'] ἐξήρατο πάσας
 Ἀρσινόη νίκας τρεῖς ἐνὸς ἐξ ἀέ[θλου].
 πατ[ρός] νῦν τιμῶ γένος ἱερὸν [ἡδὲ γυ]ναικῶν
 κέ[κ]λημαι φέγγος παρθένιος [βασιλί]ς. (10)
 τὰ[ῦ]τ[α] μὲ[ν] εὖχε' ἐ[πεῖ]δεν Ὀλυ[μπ]ία [ἐξ ἐ]νὸς οἴκου.
 ἄρμασι καὶ παίδων παῖδας ἀεθλοφόρο[ις].
 τεθρίππου δὲ τελείου ἀεῖδετε τὸν Βερ[ε]νική[ς]
 τῆς βασιλευούσης, ὦ Μακέτα[ι], στέφανον.

Relatai, vós todos cantores, a minha glória, [se algumas vezes vos apraz]
 dizer coisas conhecidas, que o meu renome é [de quatro costados]:
 pois com o carro o meu ancestral [Ptolom]eu [venceu]

⁵⁷ Cancik *et al.* (2008, p. 134 e 136).

⁵⁸ A mesma, portanto, da *Victoria Berenices* (SH 254-268C), na abertura do livro III dos *Aetia* de Calímaco. Clayman (2012, p. 122, n. 6) lembra que Higino (*Astr.* 2.24) menciona que Berenice criava cavalos, e os enviava para competir nos Jogos Olímpicos (cf. Parsons, 1977, p. 45 para uma discussão detalhada da passagem). Como aponta Krevans (2005, p. 93, n. 47), a identificação de Berenice II *Euergétis* como a *laudanda* do epigrama tem implicações importantes para a datação da atividade poética de Posídipo, que se estenderia até os anos 240, caso esta hipótese seja a correta (entre os anos 249 e 247, portanto) – cf. Criscuolo (2003) para uma análise mais aprofundada da datação da vitória elogiada em 78 AB. Para Thompson (2005), “o argumento para identificar a Berenice de Posídipo com a rainha de Ptolomeu III, já forte, parece ganhar suporte adicional de *P. Lille* 82 = SH 254, no qual Berenice, vitoriosa nos Jogos Nemeios, é intitulada como ‘noiva, sacro sangue dos deuses irmãos’, *νύμφα, κα[σιγνή]των ἱερὸν αἶμα θεῶν*: o escólio incluído com esse texto qualifica o carro vencedor como o de uma rainha, *βασιλίσσης ἄρμα*” (Thompson, 2005, p. 274).

⁵⁹ Para as datas, cf. Cancik *et al.* (2003a, p. 600). O argumento de Thompson (2003) centra-se na caracterização da *laudanda* como *parthénos* (78 AB, v. 10 e 79 AB, v. 1) e *país* (80 AB, v. 4 e 82 AB, v. 4), mais adequada, na visão da estudiosa, à filha de Ptolomeu II *Philádelphos*. Se correta esta hipótese, a data *ante quem* da composição seria 252, ano do casamento de Berenice *Syra* com Antíoco II *Theós*. Para uma cronologia provável das vitórias atléticas de Berenice *Phernophóros*, cf. Bennett (2005, p. 96).

⁶⁰ D’Agostini (2015).

quando conduziu o cavalo no estádio de Pisa,
 e também a mãe de meu pai, Berenice, e de novo com o carro (5)
 o meu pai obteve a vitória, rei, filho de rei,
 homônimo do pai. E Arsínoe ganhou todas as três
 vitórias de carro de [um único certame].
 [Agora honro a sacra estirpe do pai] [e] sou chamada
 [lustre] das mulheres, [princesa] virginal. (10)
 Olímpia viu essas glórias de uma única casa
 e, dos filhos, os filhos porta-vitórias com seus carros.
 E cantai, ó macedônias, a coroa da princesa
 Berenice com a quadriga de corcéis adultos.

Comentário

A *persona loquens* do poema é a própria Berenice, que se autoneomeia apenas nos últimos dois versos do epigrama (v. 13-14: *Berenikēs* | *tēs Basileoúsēs*). A abertura condensa dois elementos próprios do epinício: o anúncio da vitória, no qual o poeta incorpora o papel de arauto, e o catálogo de vitórias do atleta e sua família, demonstrando sua *phyá*, virtude inata⁶¹. Ao tornar a *laudanda* a protagonista de seu próprio *kérygma*⁶², deslocando a revelação de sua identidade para o final do epigrama, Posídipo faz uso do *aprosdókēton*, o inesperado⁶³, elemento importante da tradição epigramática: inesperadamente é Berenice quem exorta, no fim do poema, “todos os cantores” (*pántes aidoí*, v. 1) e as “macedônias” (*ô Makétai*, v. 14) a propagarem a conquista da coroa olímpica. Como aponta Ambühl (2007, p. 275), a passagem é representativa dos desafios do poeta epigramatista no tratamento de uma matéria panegírica, que precisa atender os desejos de seus patronos e deve compatibilizá-los com sua própria ambição literária, as expectativas da audiência letrada e as exigências do gênero, de forma a louvar a realeza ptolemaica no escasso espaço de um epigrama, que prima pela brevidade. A menção a Olímpia (v. 4 e v. 11) indica uma vitória nos Jogos Olímpicos. Como observa Kampakoglou (2019), a *laudanda* enuncia o próprio *kléos*, “chegando muito perto de tornar praticamente inútil o papel dos poetas” (Kampakoglou, 2019, p. 90), a quem incita a dizer “coisas conhecidas” (*gnōstá*), porque seu renome (*kléos*) é de estirpe antiga (*palaiógonos*). O poema cita as vitórias de Ptolomeu I *Sōtēr* (v. 3), Berenice I (v. 5), Ptolomeu II *Philádelphos* (v. 5-6) e Arsínoe II *Philádelphos* (v. 7). Se, como interpretou Kosmentatou (2004, p. 230-233), o epigrama tem como *laudanda* Berenice Syra, trata-se da representação – real ou imaginária – de um *Familiengruppe* ptolemaico: um conjunto

⁶¹ Também parte das fórmulas tradicionais do epigrama agonístico (Clayman, 2013, p. 150).

⁶² Proclamação da vitória pelo arauto (*kéryx*) no local dos jogos atléticos.

⁶³ Mindt (2019, p. 198).

escultórico retratando os membros da família de Ptolomeu II *Philádelphos*⁶⁴, dialogando com a tradição do epigrama ecrástico e sua variedade inscrita do *objeto falante*⁶⁵. Retoricamente, trata-se de uma *amplificatio* (ou *aúxēsis*, se acolhermos a expressão consagrada por Aristóteles, *Rhet.* 1.9.40⁶⁶), construída por meio da enumeração das vitórias dos membros da família dos Lágidas – e as gerações de mulheres vencedoras⁶⁷ –, amplificando assim o significado da vitória de Berenice, ao mesmo tempo em que recupera tópicos do retrato, sublinhando sua origem insigne e sua condição de vitoriosa nos Jogos Olímpicos.

1 [ε]ἴπατε, πάντες ἀοιδοί, ἐμὸν [κ]λέος: Hose (2015, p. 300) sublinha que o poeta faz uso da linguagem formular do proêmio épico (cf. *Hom. Il.* 1.1: “ἄειδε”; *Od.* 1.1: “ἔννεπε”)⁶⁸, ao mesmo tempo em que evoca a linguagem de comando dos monarcas helenísticos. É notável também o uso do inesperado: no lugar da invocação às Musas, tradicional da épica, a *persona loquens* se dirige a todos os poetas. Para Miller, P. J. (2019), a passagem demonstra a ambiguidade do contexto de *performance* do epigrama equestre, e a “criação de audiências imaginadas” (Miller, P. J., 2019, p. 438). A composição do poema é anelar: a audiência endereçada como *cantores* (“ἀοιδοί”, v. 1) na abertura do poema, e como macedônias (“ὦ Μακέται”, v. 14) no final do epigrama, o que segundo Ambühl (2007) completa “o triângulo patrono, poeta e audiência” (Ambühl, 2007, p. 275). Como destaca Miller, P. J. (2019, p. 436), há um movimento do geral ao específico, de relatar (“εἴπατε”, v. 1, um imperativo) a glória (“κλέος”, v. 1) que tem como atributo fazer parte do que é conhecido (“γνωστά” v. 2), em direção a cantar (“αἰδέεστε”, v. 13, outro imperativo) a coroa (“στεφάνον”, v. 14) de Berenice.

1 πάντες ἀοιδοί: como aponta Hose (2015, p. 300), ao se dirigir a todos os cantores, a *persona loquens* sugere que além dos epigramatistas, poetas de vários gêneros devem louvar sua vitória atlética (épicos, elegíacos, líricos, *et al.*).

⁶⁴ Em voga durante os séculos IV e III, os *Familiengruppen* escultóricos parecem ser evocados em epigramas de Posíippo dedicados aos membros da dinastia Ptolemaica: 78 e 88 AB. Kosmentatou (2004, p. 233) vê uma intertextualidade intencional com a coleção dos *andriantopoiiká* do mesmo papiro milanês, cuja temática é a estatutária em bronze.

⁶⁵ “A relação entre epigrama e estátua adquire um significado especial em alguns epigramas que jogam com a tradição ecrástica” (Mindt, 2019, p. 206).

⁶⁶ Para a edição da *Retórica* de Aristóteles, cf. Freese & Striker (2020).

⁶⁷ Clayman (2013, p. 149).

⁶⁸ Para as edições de Homero, cf. Van Thiel (2010) para a *Iliada* e Van Thiel (1991) para a *Odisseia*.

2 παλαιόγονος: literalmente, “de estirpe antiga”. Píndaro utiliza o mesmo vocábulo na *Olímpica* 13 (v. 50: *παλαιγόνων*)⁶⁹.

3 μοι προπάτω[ρ Πτολεμ]αῖος ἐν[ίκα]: Ptolomeu I *Sōtér* (367/6-282)⁷⁰: o primeiro faraó da dinastia foi honrado por seu sucessor, Ptolomeu II *Philádelphos*, com a instituição das Ptolemaias de Alexandria em 279/8⁷¹, além de ter sido divinizado como *Theòs Sōtér*⁷². O vocábulo *προπάτωρ* – ancestral, avô – tem atestação em Píndaro (*N.* 4.89)⁷³.

5 καὶ μήτηρ Βερενίκη ἐμοῦ πατ[ρός]: Berenice I⁷⁴ (c. 340-279 ou 275/4)⁷⁵, consorte de Ptolomeu I *Sóter* e mãe de Ptolomeu II *Philádelphos*. (308-246)⁷⁶.

7 Ἀρσινόη: Arsínoe II *Philádelphos* (316-268)⁷⁷, irmã e consorte de Ptolomeu II *Philádelphos*. O segundo dos Ptolomeus foi responsável pela fundação do culto dos *Theoì Adelphoí* – o casal real divinizado em vida –, e o da *Theà Philádelphos* – centrado na própria Arsínoe, instituído depois de sua morte⁷⁸. Tornou-se mãe adotiva de Berenice *Phernophóros* após o exílio de Arsínoe I, aristocrata de origem macedônia⁷⁹, primeira esposa de Ptolomeu II⁸⁰. Berenice II *Euergetis*, embora oriunda da família real cirenaica, foi retratada oficialmente como uma filha dinástica de Arsínoe (*Callim.* fr. 110, v. 45: “*βουπόρος Ἀρσινόης μητρὸς σέο*”, “o obelisco de tua mãe Arsínoe”)⁸¹.

10 κέ[κλημαι φέγγος] παρθένιος [βασιλί]ς: a edição mais recente do papiro milanês, publicada sob os auspícios do *Center for Hellenic Studies* (Cf. Acosta-Hughes, Kosmentatou *et al.*, 2021, p. 42) não sugere emenda aos trechos lacunares desse verso (“*κε[±12] παρθένιος [.....]ς*”), assinalando, além daquela aplicada na *editio minor*, a proposta de Livrea (2002) – “*κε[κλήσθαι θεῖον*” –, e a defendida por De Stefani (2003) – “*κέ[κλημαι πρώτη]*”. A emenda de Livrea (2002) apresenta dificuldades sintáticas, visto

⁶⁹ Para a edição dos epínicios de Píndaro, cf. Maehler & Snell (1987).

⁷⁰ Cancik *et al.* (2008, p. 130-134).

⁷¹ Nadig (2012, p. 5629-5631).

⁷² Cancik *et al.* (2008, p. 134).

⁷³ Slater (1969, p. 451).

⁷⁴ Clayman (2012, p. 121).

⁷⁵ Cancik *et al.* (2003a, p. 600).

⁷⁶ Cancik *et al.* (2008, p. 134 e 136).

⁷⁷ Cancik *et al.* (2003, p. 35).

⁷⁸ Cancik *et al.* (2008, p. 135). Vandorpe (2012, p. 763-765) situa a instituição do culto dos *Theoì Adelphoí* em 272/271 e o da *Theà Philádelpha* em 270.

⁷⁹ Arsínoe I era filha de um dos *diádokhoi*, Lisímaco da Trácia, cf. Hölbl (2001, p. 35).

⁸⁰ Cancik *et al.* (2003a, p. 34-35).

⁸¹ Cancik *et al.* (2003a, p. 601). Para a edição do texto de Calímaco, cf. Harder (2012).

que o verbo **τιμῶ** (v. 9) não costuma ser complementado por um infinitivo dinâmico (sc. **κεκλήσθαι**) fora de contextos judiciais, isto é, no sentido de “ser condenado a”⁸². Interpretando-se **θεῖον** – divino – como um adjetivo no acusativo, e **γυναικῶν**, um genitivo partitivo que o modifica, uma solução para a tradução completa da passagem seria “e agora honro a estirpe do pai, para dentre as mulheres (9) | divina ser chamada, princesa virginal (10)”. A emenda sugerida por De Stefani (2003) não altera a sintaxe da passagem, mantendo o verbo **κέκλημαι** como adotado na *editio minor*, e sugere a substituição do adjetivo **φέγγος** (v.10) por **πρώτη** – primeira –, portanto “agora honro a sacra estirpe do pai e sou chamada (9) | primeira das mulheres, princesa virginal (10)”.

10 παρθένιος: o qualificativo **παρθένιος** – virginal – se repete em 79 AB (v. 1) e, como aponta Nisetich (2005, p. 58) tradicionalmente se aplica a mulheres na fase transicional entre a infância e a vida adulta, antes de atingir a idade apropriada para o casamento. O poeta parece utilizar motivos associados a uma subespécie da mélica coral intimamente associada à *parthenía*, o partênio. Como sumarizou Swift (2010, p. 174-177), embora o número de exemplares supérstites do gênero seja escasso, é possível identificar alguns dos seus traços distintivos: o coro deveria ser formado exclusivamente por *parthénōi*, que se autoneciam como tais e enunciam seus nomes, reais ou fictícios. Valendo-se desses marcadores genéricos, Posídispo constrói, de forma *miniaturizada*⁸³, um epigrama que aponta para diferentes tradições poéticas, em um exercício de experimentação facilmente identificado por sua audiência douta. Thompson (2005, p. 275-276) defende que esta caracterização – a de uma princesa virginal – torna mais plausível que a *laudanda* seja Berenice *Phernophóros*⁸⁴. A autora, no entanto, não descarta a hipótese de que o epigrama seja dedicado à Berenice II *Euergétis*, mais tradicional e fundamentada em fontes independentes, embora considere a cronologia “apertada” (Cf. n. 58 e 59, *supra*), visto que o período entre a morte de seu pai, o rei Magas de Cirene, seu subsequente casamento com Demétrio, a viuvez e as segundas núpcias com Ptolomeu III *Euergétēs* compreenderia apenas três anos⁸⁵. Clayman (2012, p. 125-128) argumenta convincentemente que no contexto helenístico – e especialmente no da corte dos Ptolomeus em Alexandria – a categoria *parthénos* não deveria ser interpretada

⁸² Cf. Bailly *et al.* (2000, p. 1932-1933, **τιμάω**, I 2).

⁸³ Expressão emprestada de Harder (2019), que analisou epigramas que miniaturizam outras espécies de poesia, como a elegia e as poesias bucólica e erótica.

⁸⁴ Essa posição é acompanhada por Criscuolo (2003).

⁸⁵ Thompson (2005, p. 277).

apenas em termos de idade – com lentes do século V, portanto. Esse conceito alargado de *parthenía*⁸⁶, segundo a autora, pode ser verificado na representação de Berenice II por Calímaco no célebre *Coma Berenices*, como uma virgem⁸⁷ em sua noite de núpcias (cf. *Catull.* 66.26: *uirgine*)⁸⁸. O mesmo se repete em um fragmento lírico do poeta de Cirene, em torno da morte Arsínoe II⁸⁹, no qual a rainha de Ptolomeu II *Philádelphos* é cognominada “noiva” (fr. 228 Pfeifer, v. 5: *νύμφα*)⁹⁰. Em monografia dedicada à figura de Berenice II *Euergétis*, Clayman (2013, p. 151-152) ofereceu uma justificativa mais singela: de acordo com Pausânias (5.6.7-8 e 6.20.9)⁹¹, à exceção da sacerdotisa de Deméter *Khamýnē*, era vedado às mulheres casadas (*gynaíkes*) comparecerem ao recinto dos Jogos Olímpicos. Essa proibição, no entanto, não era aplicada às *parthénoi*⁹². Assim, seria plenamente possível caracterizar a rainha como uma virgem honorária quando da comemoração de sua vitória na quadriga.

10 [βασιλί]ς: como aponta Thompson (2005, p. 276), na linguagem ptolemaica (e posterior), tanto o vocábulo *βασιλίς* (v. 10), como também suas variações, *βασιλεύσα* (v. 14) e *βασιλίσσα* (79 AB, v. 1), são intercambiáveis na designação dos títulos de rainha ou princesa⁹³, atestado inclusive em decretos oficiais⁹⁴.

12 ἀεθλοφόρο[υ]ς: “porta vitórias”. O epíteto tem múltiplas atestações em Píndaro (*O.* 7.7, *N.* 3.83, *N.* 6.23)⁹⁵ e também designava Berenice II *Euergétis*: em 211/10, como lembra Thompson (2005, p. 274), durante o reinado de Ptolomeu IV *Philopátōr*, foi estabelecido o cargo de sacerdotisa do culto da *ἀθλοφόρος Βερενίκης Εὐεργέτιδος*⁹⁶, sua mãe divinizada.

⁸⁶ Clayman (2012, p. 125). A autora considera que a documentada associação entre a consorte de Ptolomeu III *Euergétēs* e a figura de Atena *Parthénos* também evidencia a existência deste conceito mais amplo de *parthenia* (Clayman, 2012, p. 125-126).

⁸⁷ Como mencionado *supra*, a rainha ptolemaica era uma viúva, em seu segundo casamento (cf. Cancik *et al.* 2003a, p. 601).

⁸⁸ Para a edição dos poemas de Catulo, cf. Bardon (1973).

⁸⁹ O poema é intitulado “ΕΚΘΕΩΣΙΣ ΑΡΣΙΝΟΗΣ” (*EKTHÉŌSIS ARSINOËS*), “Deificação de Arsínoe” (Pfeifer, 1949, p. 218).

⁹⁰ Para a edição dos fragmentos líricos de Calímaco, cf. Pfeifer (1949).

⁹¹ Para a edição da *Descrição da Grécia* de Pausânias, cf. Rocha-Pereira (1989-1990).

⁹² Cf. Dillon (2000) para uma discussão aprofundada da participação de mulheres, especialmente as *parthénoi*, nos Jogos Olímpicos.

⁹³ Nisetich (2005, p. 58).

⁹⁴ Cf. Thompson (2005, p. 276) para uma discussão do decreto de Canopo (*OGIS* i. 56.46-8), do reinado de Ptolomeu III *Euergétēs* e Berenice II, que estabelece o culto de outra Berenice, filha do casal real, deificada após sua morte prematura.

⁹⁵ Slater (1969, p. 12).

⁹⁶ Cancik *et al.* (2003a, p. 601).

13-14 Βερ[ε]νίκη[ς] | τῆς βασιλευούσης: nessa passagem, o participio presente βασιλευούσης, exerce a função de adjetivo, em posição atributiva, e poderia ser traduzido como “real”, “rainha” ou “princesa”.

14 τεθρίππου... τελείου: como aponta Nisetich (2005, p. 58), a expressão indica que a quadriga era puxada por quatro cavalos adultos, e não potros ou potrancas.

14 Μακέτα[ι]: o vocativo, dirigido às mulheres macedônias, circunscreve o pertencimento da Casa dos Ptolomeus ao reino de Alexandre e à dinastia dos Argéadas⁹⁷.

79 AB (P.Mil.Vogl. VIII 309, col. XII 34-39)

παρθένος ἡ βασίλισσα σὺν ἄντυ[γ]ι, ναί, Βερενίκη
 πάντας ἅμα ζευκτοὺς ἀθλοφορεῖ στεφάνους,
 Ζεῦ παρὰ σοὶ Νεμεᾶτα· τάχει δ' ἀπελίμπανεν ἵππων
 δίφρος ἐπεὶ [κάμψα]ι τὸν πολὺν ἡνίοχον,
 δαλ[οῖς] δ' εἵκελοι ἵπποι ὑπὸ ῥ[υτ]ῇρι θέοντες (5)
 πρῶ[τοι] ἐς Ἀργολικοὺς ἦλθον [ἄγω]νοθέτας.

Virgem é a princesa com o carro, sim, Berenice
 porta, vitoriosa, as coroas equestres todas de uma vez
 contigo, Zeus de Nemeia: pela rapidez dos cavalos, o carro,
 quando deu a volta, deixou para trás os muitos condutores,
 e os cavalos correndo sob as rédeas como meteoros (5)
 foram os primeiros a chegar aos juizes argivos.

Comentário

Berenice é novamente qualificada como virgem, *parthénos hē basilissa* (v.1). A *persona loquens*, que não se identifica, narra a vitória da princesa ou rainha ptolemaica com o carro nos Jogos Nemeios. Os quatro últimos versos do epigrama oferecem uma descrição vívida de como os cavalos, como meteoros (*daloîs d' eikeloi*), ultrapassaram os competidores e chegaram na frente dos juizes argivos.

⁹⁷ Nisetich (2005, p. 58). Kosmentatou (2004, p. 240-244) discute como os primeiros Ptolomeus, em um esforço de consolidação do seu domínio, buscaram dar uma ideia de continuidade entre o Império de Alexandre e o estabelecimento da nova dinastia – a poesia de Posídipo, por exemplo, circunscreve-se nesse contexto. Analisando o epigrama 31 AB do “Novo” Posídipo, a autora observa como os Ptolomeus do Egito são representados como membros da dinastia dos Argéadas, e não “Lágidas” ou “Ptolemaicos”, denominação convencional na historiografia moderna sobre o período (Kosmentatou, 2004, p. 242). Cf. Mittelman (2020) para uma análise aprofundada da utilização da identidade macedônica como política oficial no reinado de Ptolomeu II *Philadelphos*.

1 παρθένος ἢ βασίλισσα: sobre o uso de *parthénos* e de *basíliissa* nessa passagem, cf. os comentários ao v. 10 de 78 AB, *supra*.

3 Ζεῦ παρὰ σοὶ Νεμεᾶτα: a expressão, composta pelo vocativo Ζεῦ e pelo genitivo dórico Νεμεᾶτα, “Zeus de Nemeia”, indica o local de vitória da *laudanda*: os Jogos Nemeios, parte do festival pan-helênico em honra a Zeus no nordeste do Peloponeso, com sede em Argos no período helenístico⁹⁸, cuja origem tradicionalmente se atribui aos jogos funerários em honra ao bebê Ofeltes (ou Arquêmore)⁹⁹. Como aponta Nisetich (2005, p. 58), se a *laudanda* do epigrama for de fato Berenice II *Euergetis*, o encômio refere-se à mesma vitória nas Nemeias elogiada no *Victoria Berenices* de Calímaco, que abre o livro III dos *Aetia* do poeta cirenaico (SH 254-268C, cf. Harder, 2012).

4 [κάμψα]ι: diferentemente do que consta na *editio princeps* (o subjuntivo aoristo “κάμψηι”), os editores da *editio minor* adotaram “κάμψαι” – optativo aoristo –, conforme emenda sugerida por Gronewald (2001), cujo argumento é de que “o imperfeito ἀπελίμπανεν corresponde ao optativo iterativo na oração temporal” (Gronewald, 2001, p. 4). Lapini (2007, p. 287), considera boas as duas soluções aplicadas, embora não deixe de apontar as dificuldades de ligar τὸν πολὺν ἡνίοχον a ἀπελίμπανεν, ao invés do verbo transitivo κάμπτειν, seu antecedente imediato. Para além disso, o comentador considera que, para exprimir o sentido de *girare alla meta*, conforme consta na tradução de Bastianini (cf. Austin & Bastianini, 2002a, p. 103) e *turning*, na de Austin (*ibid.*), o uso de um indicativo seria mais adequado, motivo pelo qual sugere a emenda “[τέτατα]ι” (um indicativo perfeito), justificada pela existência de atestações do uso metafórico de τείνεσθαι, aplicado a cavalos, no sentido de “esforçar-se para”¹⁰⁰.

80 AB (P.Mil.Vogl. VIII 309, col. XIII 1-4)

[±34	]λοις
[±19	] [σ]τεφάν[ο]υ[ς]
[±19	]οχον, ὦ Νέμεε Ζεῦ,
[±16	] τοῦτ' ἐπὶ παιδὶ μόνῃ.

⁹⁸ Miller, A. M. (2019, p. 3).

⁹⁹ Cancik *et al.* (2006b, p. 627).

¹⁰⁰ Lapini (2007, p. 287).

[... ..]
 [... ..]coroas
 [... ..] ó Zeus Nemeio
 [... ..] isso pela filha sozinha.

Comentário

O epigrama encontra-se em estado fragmentário. A identificação de Berenice como *laudanda*, defendem os editores da *editio princeps* (cf. Bastianini, Gallazzi & Austin, p. 210), deve-se à posição dos poemas 81 e 82 AB (col. XIII 1-8) no papiro, imediatamente antecedido pelos epigramas 78 e 79 AB (col. XII 20-39), e sucedido por 82 AB (col. XIII 9-14) – nos quais o nome de Berenice é legível.

1 [±34]]λοις: a *editio princeps* registra “talvez ἀέθ]λοις (Austin) em vez de πολ]λοις”¹⁰¹, o que se repete no aparato crítico da edição de Austin & Bastianini (2002, p. 104). Como sugestão de emenda à parte final da lacuna que consta no primeiro verso do epigrama, Lapini (2002, p. 288) prefere “πώλ]λοις” (“potros”). Angiò (2003, p. 180) propõe “φύλ]λοις” – “folhas” –, em comparação a “Δλωρικὰ φύλλα σελίνων” (81 AB, v. 1).

2 [στεφάν]οις: “coroas”, “guirlandas”. A premiação nos quatro grandes jogos atléticos pan-helênicos (Olímpia, Pítia, Ístmia e Nemeia) era uma coroa circular feita de folhas, os *stéphanoi*¹⁰².

3 [±19]]οχον: costa no aparato crítico da *editio minor* (Austin & Bastianini, 2002a, p. 104) as sugestões de emenda propostas por Austin no comentário ao texto da *editio princeps*¹⁰³: “[] ὄχον ou ἔξ]οχον ou ὑπείρ]οχον”. Os três vocábulos têm fortuna nos epinícios de Píndaro: ὄχος, “carro” (*O.* 4.11, *O.* 6. 24 e *P.* 9.11)¹⁰⁴, ἔξοχος “destacado”, “supremo”, “superior” (*O.* 1.2, *O.* 8.23, *O.* 9.69, *P.* 5.26, *P.* 9.53, *N.* 1.60, *N.* 3.71, *N.* 4.52 e 92 e *N.* 6.47)¹⁰⁵ e ὑπείροχος, “elevado” (*P.* 2.38) e “monstruoso” (*N.* 3.24)¹⁰⁶.

¹⁰¹A *editio princeps* registra a colaboração de Austin no comentário à edição do texto do papiro milanês, cf. Bastianini, Gallazzi & Austin (2001, p. 210).

¹⁰² Cf. Miller, A. M. (2019, p. 5).

¹⁰³ Cf. Bastianini, Gallazzi & Austin (2001, p. 210).

¹⁰⁴ Slater (1969, p. 403).

¹⁰⁵ Slater (1969, p. 180).

¹⁰⁶ Slater (1969, p. 521).

3 ὦ Νέμεε Ζεῦ: a invocação a Zeus Nemeio indica uma vitória nos Jogos Nemeios, a mesma mencionada no epigrama 79 AB, v. 2-3¹⁰⁷ (cf. comentário, *supra*).

4 παιδὶ μόνῃ: “filha sozinha”, trata-se de um indicativo de que a *laudanda* permanece a mesma dos dois epigramas que o precedem (78 e 79 AB). Lapini (2002, p. 288), diante do feminino, considera forçoso postular a presença de uma menção, expressa ou subentendida, aos genitores¹⁰⁸ da *laudanda*, Ptolomeu II e Arsínoe II *Philádelphoi*, na lacuna.

81 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XIII 5-8)

[	±16	Δ]ωρικὰ φύλλα σελίνων
.[	±18	]ε μίαν κεφαλὴν
[	±27	]...ων
π[	±20	ἄρμ]ατι δις τελέωι.

[... ..] folhas dóricas de salsação
 [... ..] uma cabeça
 [... ..]
 [... ..] duas vezes com o carro de corcéis adultos.

Comentário

Epigrama em estado fragmentário, com apenas três trechos legíveis. Como o epigrama que o antecede (80 AB, cf. comentário *supra*), a identificação da *laudanda* se deve a sua posição no papiro milanês, inscrito entre conjuntos de epigramas menos lacunares que são destinados ao encômio de Berenice.

1 Δ]ωρικὰ φύλλα σελίνων: “folhas dóricas de salsação” (ou aipo, salsa), utilizadas nas coroas dos Jogos Ístmicos e Nemeios¹⁰⁹.

2 ε μίαν κεφαλὴν: a única parte legível do verso ecoa uma passagem íntegra de outro poema pertencente à coleção dos *hippiká* de Posídipo, 72 AB, v. 4 (col. XI 28): “νικήσας ἄκρῳι νεύματι καὶ κεφαλῇ” (“ao vencer com um sinal extremo de cabeça”). No poema em questão, a *persona loquens*, não identificada, narra vividamente a cena em que o

¹⁰⁷ Bastianini, Gallazzi & Austin (2001, p. 210).

¹⁰⁸ Cf. o comentário ao v. 7 de 78 AB, *supra*, sobre a “adoção dinástica” de Berenice II *Euergétis* pelos *Theoi Adelphoi*.

¹⁰⁹ Miller, A. M. (2019, p. 5).

cavalo de Molico vence para ele a coroa de salsão das Nemeias, conquistando o prêmio ao ultrapassar o primeiro colocado “por uma cabeça”.

3 ἄρμ]ατι δις τελέωι: o carro é puxado por cavalos adultos (cf. comentário a 78 AB, v. 14, *supra*).

82 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XIII 9-14)

εἰδ]ε [Ποσειδάων εὖχος μέ]γα, τὸν Βερενίκης
 ν[ι]κ[ῶντ' ὠκυδρόμω]ν ἔπ[ι] σταδίων,
 τήν δὲ [πολυστέφα]νον Μακέτην πέλας Ἀκρ[ο]κ[ο]ρίνθ[ο]ν.
 παῖδα τὸ Πει[ρήνης σε]μνὸν ἐθαύμασ' ὕδωρ
 σὺν πατρὶ Π[τολ]ε[μ]αίωι· ἐκήρυξας γὰρ ἐν Ἰσθμῶι (5)
 τοσσάκις ἀθλ[οφ]όρον δῶμα μόνῃ βασιλίσ.

[Poseidon viu grande glória], o cavalo
 de Berenice [vencendo sobre as pistas de corridas velozes]
 e a [mui coroad]a filha macedônia, junto do Acrocorinto,
 admirou-a a reverenda água de [Pirene]
 com o pai Ptolomeu: pois só tu proclamaste no Istmo (5)
 amiúde a casa porta-vitória como princesa.

Comentário

O último epigrama do grupo dedicado à Berenice tem uma boa legibilidade. Formado por três dísticos, o poema louva uma vitória nos Jogos Ístmicos¹¹⁰, dada a menção a Poseidon (v.1), divindade tutelar do festival, à acrópole (Acrocorinto, v.3), à fonte Pirene (v. 4) e ao próprio Istmo de Corinto (v. 5). Berenice é acompanhada aos jogos pelo pai Ptolomeu II *Philádelphos* (v. 5), conquistou muitas coroas para a casa porta-vitória (*athlophóron dôma*) dos Lágidas e é caracterizada como macedônia (*makétēn*).

1 εἰδ]ε [Ποσειδάων εὖχος μέ]γα: a edição do *CHS* do papiro milanês (cf. Acosta-Hughes, Kosmentatou *et al*, 2021, p. 42) lê a passagem de forma diversa, não oferecendo emenda ao texto lacunar, e interpretando “[γατον” conjuntamente: “ε[...].[±16]γατον Βερενίκης”. O texto da emenda adotado pela *editio princeps* é ligeiramente diferente do que consta na *editio minor*; com “ἀντύ]γα” – grade frontal e lateral de um carro – no lugar de “μέ]γα”.

¹¹⁰ O aparato crítico da *editio minor* (Austin & Bastianini, 2002a, p. 106) faz referência à vitória de Berenice II *Euergetis* os 248^{os} Jogos Ístmicos.

2 ἵππον, ἐπὶ σταδίων: em virtude da menção a um único cavalo, e não um carro ou quadriga, Canali de Rossi (2016, p. 48) considera seguro interpretar que a vitória comemorada no epigrama foi na corrida de cavalo, *kélēs*.

3 [πολυστέφα]νον: Canali de Rossi (2016, p. 47) sugere a emenda “**τετραστέφα]νον**”, “quatro vezes coroada”.

3-4 Μακέτην... | παιῖδα: “filha macedônia”. A caracterização dos Ptolomeus como macedônios fez parte da ideologia oficial de Ptolomeu II *Philádelphos*¹¹¹, cf. comentário a 78 AB, v. 14, *supra*.

5 σὺν πατρὶ Π[τολ]ε[μ]αίωι: Ptolomeu II *Philádelphos* (308-246), pai de Berenice *Phernophóros* e de Berenice II *Euergétis* por adoção dinástica (cf. comentário a 78 AB, v. 7, *supra*).

6 ἀθλοφύορον δῶμα: “casa porta-vitória”. Para a utilização do epíteto *ἀθλοφόρος*, cf. o comentário a 78 AB, v. 12, *supra*.

6 μόνη βασιλῖς: a construção é parecida com 80 AB, v.4 (“*παιδὶ μόνῃ*”). Para a utilização de *βασιλῖς* para “rainha” ou “princesa”, cf. o comentário a 78 AB, v. 10, *supra*.

87-88 AB: PARA BERENICE I E PTOLOMEU II *PHILÁDELPHOS* – TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Bem conservados, os dois epigramas finais sob o título *hippiká* são dedicados à Berenice I, corregente do Egito com Ptolomeu I *Sōtér*, fundador da dinastia, e a Ptolomeu II *Philádelphos*, que os sucedeu no trono em 282¹¹².

87 AB (*P.Mil.Vogl. VIII 309, col. XIII 31-34*)

ἵπ[ποι] ἔθ' ἀμὲς ἐοῦσαι Ὀλυμ[πια]κὸν Βερενίκας,
Π[ι]σᾶ[τ]αι, Μακέτας ἀγάγομ[ε]ς στέφανον,
ὅς τ' ὁ [πο]λυθύλατον ἔχει κλέος, ὧι τὸ Κυνίσκας
ἐν Σπάρ[τ]ῃ χρόνιον κύδος ἀφειλόμεθα.

Quando nós éramos ainda potrancas, ó Pisanos,
trouxemos a coroa olímpica da macedônia Berenice,
que tem a mui celebrada fama, com a que tomamos
a duradoura glória de Cinisca em Esparta.

¹¹¹ Cf. Mittelman (2021, p. 125-126).

¹¹² Cancik *et al.* (2008, p. 134).

Comentário

As *personae loquentes* desse epigrama são as potras – a representação escultórica dos animais¹¹³ – que guiam o carro de Berenice à vitória olímpica. Miller, P. J. (2019) define a construção como uma “*angelía* equina”(Miller, P. J., 2019, p. 442), na qual a voz dos cavalos mimetiza a proclamação do vencedor pelo arauto (*angelía* ou *kérugma*).

1 ἴπ[ποι] ἔθ’ ἀμὲς ἐοῦσαι: “quando nós éramos ainda potrancas”. Miller, P. J. (2019, p. 442) destaca que o uso do advérbio ἔθ’ – “ainda” – parece apontar para uma certa imobilidade e permanência das *personae loquentes*: como estátuas, “os cavalos permanecem eternamente anunciando a glória ([πο]λυθρύλατον... κλέος) de Berenice”.

1 Βερενίκας: Berenice I (c. 340-279 ou 275/4)¹¹⁴.

2 Μακέτας: sobre a caracterização da *laudanda* como macedônia, cf. os comentários a 78 AB, v. 14 e 82 AB, v. 3-4, *supra*.

2 ἀγάγομ[ε]ς στέφανον: note-se que os próprios animais trazem a coroa (*agágomes stéphanon*, lit. “trouxemos a coroa”) da macedônia Berenice (Βερενίκας... Μακέτας, genitivo de posse, *sc.* στέφανον).

3 ὅς... κλέος, ὧι τὸ: Schröder (2004, p. 43), diante do acúmulo de pronomes relativos no verso, propõe interpretar ὅς e ὧι em coordenação, e referindo-se a στέφανον, v. 2, e a troca de τὸ por τε, observando, no entanto, que o atributivo “ἐν Σπά[ρ]ται” exige um artigo. Ao discutir a proposta de Schröder, Lapini (2007, p. 290) propõe a seguinte emenda para a parte final do verso: “κλέος ὦ[ς] τὸ”, substituindo a vírgula por um ponto alto, além da troca de ὧι por ὦς.

3 Κυνίσκας: o último dístico menciona Cinisca (c. 442)¹¹⁵, filha do rei Arquidamos de Esparta, que teria sido a primeira mulher a vencer a corrida de carro nos Jogos Olímpicos de 396/392¹¹⁶, vitória atestada por um epigrama anônimo, transmitido na *Antologia Grega* (AG XIII 16)¹¹⁷:

¹¹³ Miller, P. J. (2019, p. 442).

¹¹⁴ Cancik *et al.* (2003a, p. 600).

¹¹⁵ Cancik *et al.* (2003b, p. 1060).

¹¹⁶ Nisetich (2005, p. 59).

¹¹⁷ Utiliza-se aqui o texto da edição da *Antologia Grega* de Beckby (1965-1968), abreviada como “AG”. A tradução é de nossa lavra. Cf. Amaral (2020, p. 39) para uma discussão aprofundada da passagem.

Σπάρτας μὲν βασιλῆες ἐμοὶ πατέρες καὶ ἀδελφοί· (1)
 ἄρματι δ' ὠκυπόδων ἵππων νικῶσα Κυνίσκα
 εἰκόνα τάνδ' ἔστασα. μόναν δ' ἐμέ φαμι γυναικῶν
 Ἑλλάδος ἐκ πάσας τόνδε λαβεῖν στέφανον.

Meus pais e irmãos eram reis de Esparta:
 eu, Cinisca, vencendo com o carro de cavalos pés-velozes
 erigi esta imagem, e digo que sou a única mulher
 de toda a Hélade a ganhar esta coroa.

4-5 κλέος... | ... κῦδος: Lapini (2007) aponta que, do ponto de vista de seu uso homérico, os dois termos não são sinônimos: ao **κλέος**, o **κῦδος** adiciona um valor performático, tendo um sentido, portanto, de “valor, vigor, capacidade de ter sucesso, força para vencer” (Lapini, 2007, p. 290), além de ter um componente divino, como assevera Benveniste (1973, p. 348).

4 ἀφειλόμεθα: as potras de Berenice I dizem “tomamos” (**ἀφειλόμεθα**) a duradoura glória (**χρόνιον κῦδος**) de Cinisca, indicando que a vitória da rainha ptolemaica suplanta¹¹⁸ a glória da princesa espartana. Para Lapini (2007), Posídipo não parece negar que a fama de Berenice já tenha superado a de Cinisca entre os não espartanos: “o fato verdadeiramente revolucionário é que a partir de hoje também Esparta foi ‘conquistada’, até em Esparta Berenice será considerada superior a Cinisca, cuja fama durou um século” (Lapini, 2007, p. 291).

88 AB (*P.Mil.Vogl.* VIII 309, col. XIII 35 – XIV 1)

πρῶτο[ι] τρεῖς βασιλῆες Ὀλύμπια καὶ μόνοι ἄμεις
 ἄρμασι νικῶμες καὶ γονέες καὶ ἐγώ·
 εἷς μὲν ἐγὼ [Π]τολεμαίου ὁμώνυμος, ἐκ Βερενίκας
 υἱ[ός], Ἐορδαία γέννα, δῶ δὲ γονεῖς·
 [κ]οῦ μέγα πατρὸς ἐμο[ῦ]¹¹⁹ τίθεμαι κλέος, ἀλλ' ὅτι μάτηρ (5)
 εἶλε γυνὰ νίκαν ἄρματι, τοῦτο μέγα.

Nós três fomos os primeiros e únicos reis
 a vencer em Olímpia com o carro, meus pais e eu.
 Eu sou um, homônimo de Ptolomeu, filho
 de Berenice, estirpe da Eordia, e meus dois pais:
 e a grande fama de [meu] pai [não] considero, mas a que a mãe, (5)
 sendo mulher, venceu com o carro, essa é grande de fato.

¹¹⁸ Lapini (2007, p. 290-291) prefere o sentido de “subtrair”, “tomar posse de”.

¹¹⁹ Conforme os *Addenda et corrigenda* de Austin & Bastianini (2002b, p. 161). Nisetich (2005, p. 59) adota a solução na sua tradução dos poemas do papiro milânês.

Comentário

A *persona loquens* desse epigrama é Ptolomeu II *Philádelphos*, que anuncia a própria vitória no carro em Olímpia (v.2) e a de seus pais (v.1-2), Ptolomeu I *Sōtēr* e Berenice I. Enfeixam-se, assim, as vitórias de duas gerações de membros da dinastia: o primeiro dístico aponta para um *Familiengruppe* escultórico¹²⁰, contendo o primeiro casal real da dinastia e seu sucessor; já o segundo dístico identifica a *persona loquens* e a situa dentro de uma continuidade familiar; o terceiro dístico, por fim, eleva a vitória de Berenice I, uma mulher, em relação às vitórias de pai e filho: a rainha, assim, acaba engrandecida.

2 καὶ ἐγώ: a primeira pessoa encomiástica se nomeia de forma enfática no final do primeiro dístico, mas a revelação de sua identidade – Ptolomeu II *Philádelphos* – é deslocada para o dístico seguinte (v. 3-4).

3 εἰς μὲν ἐγὼ [Π]τολεμαίου ὁμώνυμος: “eu sou um, homônimo de Ptolomeu”. A expressão ecoa os v. 6-7 de 78 AB (“νίκην εἶλε πατήρ ἐκ βασιλέω[ς] βασι[ι]λεὺς | πατρὸς ἔχων ὄνομα”, “o meu pai obteve a vitória, rei, filho de rei, | homônimo do pai”), e denota a continuidade e permanência da dinastia.

3-4 ἐκ Βερενίκας | υἱ[ός]: “filho de Berenice”, reforça que a identidade da *persona loquens* é mesmo Ptolomeu II *Philádelphos*.

4 Ἑορδαία γέννα: “estirpe da Eordia”, na Macedônia Ocidental, localidade de origem da Casa dos Ptolomeus¹²¹.

5 ἐμὸν [κ]οῦ μέγα πατρὸς ἐμοῦ τίθεμαι κλέος: na *editio minor* constava o seguinte texto “πρὸς μέγα πατρὸς ἐμὸν τίθεμαι κλέος”¹²² – “à grande fama do pai adiciono a minha” –, corrigido posteriormente por Austin & Bastianini (2002b, p. 161). Gronewald (2001, p. 5) lê a passagem da seguinte forma: “[κ]οῦ μέγα πατρὸς ἐμοῦ τίθεμαι κλέος” – “e não considero minha a grande glória do pai”. Lapini (2003, p. 291) sugere duas leituras possíveis “τρ[ίς] μέγα πατρὸς ἐμοῦ τίθεμαι κλέος” ou “τρ[ίς]μεγα πατρὸς ἐμοῦ τίθεμαι κλέος”: “considero grandíssima (lit. três vezes grande) a glória do meu pai”.

¹²⁰ Cf. n. 64, *supra* e Kosmentatou (2004, p. 233).

¹²¹ Nisetich (2005, p. 59).

¹²² Austin & Bastianini (2002a, p. 112).

Considerações finais

Dedicados a louvar as vitórias atléticas da Casa dos Ptolomeus – em especial de suas mulheres – nas competições dos grandes festivais da Grécia balcânica, a seleção de epigramas equestres de Posídipo ora traduzida e comentada ajuda a compreender as estratégias de promoção e legitimação da dinastia no contexto pan-helênico, ainda imerso nos conflitos entre os vários Estados que sucederam o império amealhado por Alexandre Magno.

A descoberta do *Papiro de Milão* (*P.Mil.Vogl.* VIII 309) revolucionou os estudos de Posídipo, adicionando 110 epigramas a um *corpus* supérstite de apenas 24¹²³. Um novo poeta emergiu das areias de Fayum: antes conhecido pela sua poesia eminentemente erótico-simpósio, Posídipo demonstrou-se com interesses mais amplos, afeito ao jogo com diferentes tradições poéticas, com uma preferência singular à écfrase e ao tratamento de obras de arte, além de novas formas do epigrama fúnebre. No caso dos *hippiká*, tributários da tradição secular do epigrama agonístico, o poeta tensiona os limites do gênero, aproveitando-se dos influxos da épica arcaica, da mélica coral tardo-arcaica, em especial do epinício, como também de *tópoi* da retórica epidítica em voga na Alexandria do século III.

Referências

ACOSTA-HUGHES, B.; KOSMENTATOU, E.; CUYPERS, M.; ANGIÒ, F. (ed.). **New poems attributed to Posidippus**: a text in progress. 14 ed. Washington, DC: Center of Hellenic Studies, fev. 2021. Disponível em: <https://classics-at.chs.harvard.edu/classics1-epigrams/>. Acesso em: 18 jan. 2023.

AMARAL, F. V. **A guirlanda de sua guirlanda**. Epigramas de Meleagro de Gadara: tradução e estudo. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2009.tde-02122009-120722>. Acesso em: 2. fev. 2024.

AMARAL, F. V. *Hippiká*: os epigramas equestres de Posídipo de Pela. **Letras escreve**. Macapá: Unifap, v. 10, n. 2, 1º sem., p. 31-42, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/6157>. Acesso em: 18 jan. 2023.

AMBÜHL, A. Tell, All Ye Singers, My Fame: Kings, Queens and Nobility in Epigram. In: BING, P. & BRUSS, J. S. (ed.). **Brill's companion to hellenistic epigram**. Leiden & Boston: Brill, 2007, p. 275-294. (Brill's Companions in Classical Studies).

¹²³ Como mencionado *supra*, dois poemas presentes no papiro milanês já constavam na *Antologia Grega*.

ANGELI BERNARDINI, P. Epinici e iscrizioni agonistiche: un percorso da ricostruire. *In*: FERA, M. C. & GRANDOLINI, S. **Poesia e religione in Grecia**: Studi in Onore di G. Aurelio Privitera. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiani, 2000. v. 1.

ANGIÒ, F. Posidippo, P. Mil. Vogl VIII 309, 80, 1 A.-B. (col. XIII 1). **Archiv für Papyrusforschung und verwandte Gebiete**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, vol. 49, n. 2, p. 180, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/apf.2003.49.2.180>. Acesso em 22 jan. 2023.

AUSTIN, C.; BASTIANINI, G. (ed. e Trad.). **Posidippi Pellaei quae supersunt omnia**. Milano: LED – Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2002a.

AUSTIN, C.; BASTIANINI, G. (ed. e Trad.). Addenda et Corrigenda ad editionem minorem “Posidippi Pellaei quae supersunt omnia”. *In*: BASTIANINI, G.; CASANOVA, A. (ed.). **Il papiro di Posidippo un anno dopo**. Firenze: Istituto Papirologico “G. Vitelli”, 2002b, p. 161.

AUSTIN, C. Back from the Dead with Posidippus. *In*: GUTZWILLER, K. J. (ed.). **The New Posidippus: a hellenistic poetry book**. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 249-268.

BAILLY, A. (ed.); SÉCHAN, L.; CHANTRAINE, P. (rev.). **Le grand Bailly**: dictionnaire grec français. Paris: Hachette, 2000.

BARBANTANI, S. Hellenistic Epigram. **Bulletin of the Institute of Classical Studies supplement**. Oxford: Oxford University Press, n. 112, Receiving the Komos: Ancient & Modern Receptions of the Victory Ode, p. 37-55, 2012.

BARBANTANI, S. Lyric for the rulers, lyric for the people: the transformation of some lyric subgenres in Hellenistic poetry. **Trends in Classics**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, v. 9, n. 2, p. 339-399, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/tc-2017-0015>. Acesso em 18 jan. 2023.

BARDON, H. **Catulli Veronensis carmina**. Stuttgart: B. G. Teubner, 1973.

BASTIANINI, G.; GALLAZZI, C. (ed.); AUSTIN, C. (col.). **Posidippo de Pella**: Epigrammi (P. Mil. Vogl. VIII 309). Papiri dell’Università degli Studi di Milano, 8. Milano: LED – Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2001.

BECKBY, H. **Anthologia Graeca**. 2ª ed. München: Heimeran: 1965-1968. 4 v.

BENNETT, C. Arsinoe and Berenice at the Olympics. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, v. 154, p. 91-96, 2005.

BENVENISTE, E. **Indo-european language & society**. Trad. de Elizabeth Palmer. Miami: University of Miami Press, 1973.

BUNDY, E. L. **Studia pindarica**. Berkeley & Los Angeles: University of California Press, 1986.

CAMERON, A. **The Greek anthology**: from Meleager to Planudes. Oxford: Clarendon Press, 1993.

CANALI DE ROSSI, F. **Hippiká**: Corse di cavalli e di carri in Grecia, Etruria e Roma. Le radici classiche della moderna competizione sportiva. Hildesheim: Weidmann, 2016. v. 2: Le corse al galoppo montato nell'antica Grecia.

CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (ed.); SALAZAR, C. F. (engl. ed.). **Brill's New Pauly**: encyclopaedia of the ancient world. Leiden & Boston: 2003a. v. 2 (Ark-Cas).

CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (ed.); SALAZAR, C. F. (engl. ed.). **Brill's New Pauly**: encyclopaedia of the ancient world. Leiden & Boston: 2003b. v. 3 (Cat-Cyp).

CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (ed.); SALAZAR, C. F. (engl. ed.). **Brill's New Pauly**: encyclopaedia of the ancient world. Leiden & Boston: 2006a. v. 8 (Lyd-Mine).

CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (ed.); SALAZAR, C. F. (engl. ed.). **Brill's New Pauly**: encyclopaedia of the ancient world. Leiden & Boston: 2006b. v. 9 (Mini-Obe).

CANCIK, H.; SCHNEIDER, H. (ed.); SALAZAR, C. F. (engl. ed.). **Brill's New Pauly**: encyclopaedia of the ancient world. Leiden & Boston: 2008. v. 12 (Prol-Sar).

CLAYMAN, D. L. Did Any Berenike attend the Isthmian games? A Literary Perspective on Posidippus 82 AB. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, v. 182, p. 121-130, 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23849835>. Acesso em: 18 jan. 2023.

CLAYMAN, D. L. **Berenice II and the golden age of ptolemaic Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CRISCUOLO, L. Agoni e politica alla corte di Alessandria. Riflessioni su alcuni epigrammi di Posidippo. **Chiron**: Mitteilungen der Kommission für Alte Geschichte und Epigraphik des Deutschen Archäologischen Instituts. Berlin: Deutsche Archäologische Institut (DAI), v. 33, p. 311-334, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.34780/bc9x-9221>. Acesso em: 2 Ago. 2022.

D'AGOSTINI, M. Berenike, daughter of Ptolemy II. In: BAGNALL, R. S.; BRODERSEN, K.; CHAMPION, C. B.; ERSKINE, A & HUEBNER, S. R. (ed.). **The encyclopedia of ancient history**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah25067>. Acesso em 02 Ago. 2022.

DE STEFANI, C. Il 'Nuovo Posidippo' di G. BASTIANINI, C. GALLAZZI e C. AUSTIN. **Orpheus**: rivista di umanità classica e cristiana. Catania: Università di Catania – Centro studi sull'antico cristianesimo, v. 24, p. 55-87, 2003.

DILLON, M. Did parthenoi attend the Olympic games? girls and women competing, spectating, and carrying out cult roles at greek religious festivals. **Hermes**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, v. 128, n. 4, p. 457-480, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4477389>. Acesso em: 2 Fev. 2024.

DINTER, M. T. Epigram in epic and greek tragedy: generic interactions. *In*: HENRIKSÉN, C. (ed.). **A companion to ancient epigram**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2019, p. 145-162. (Blackwell companions to the ancient world).

EBERT, J. Griechische Epigramme auf Sieger am gymnischen und hippischen Agonen. **Abhandlungen der Sächsischen Akademie der Wissenschaften zu Leipzig, Philologisch-Historische Klass.** Leipzig: Sächsische Akademie der Wissenschaften zu Leipzig, v. 63, n. 2, 1972. (280 p.).

FANTUZZI, M. The structure of the hippika in P.Mil.Vogl. VIII 309. *In*: KOSMETATOU, E.; BAUMBACH, M. (ed.). **Labored in papyrus leaves**: perspectives on an epigram collection attributed to Posidippus (P.Mil.Vogl. VIII 309). Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2004, p. 212-224.

FANTUZZI, M. Posidippus at Court: The Contribution of the *ἱππικὰ* of P. Mil. Vogl. VIII 309 to the Ideology of Ptolemaic Kingship. *In*: GUTZWILLER, K. J. (ed.). **The New Posidippus**: a hellenistic poetry book. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 249-268.

FANTUZZI, M. & HUNTER, R. **Tradition and innovation in hellenistic poetry**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

FREESE, J. H. (ed. e trad.) & STRIKER, G. (rev.). **Aristotle XXII**: the Art of Rhetoric. Cambridge, MA & London: Harvard University Press, 2020. (The Loeb Classical Library, 193).

FUHRER, T. Callimachus' epinician poems. *In*: HARDER, M. A.; REGTUIT, R. F.; WAKKER, G. C. **Callimachus**. Groningen: Egbert Forsten, 1993, p. 79-97. (Hellenistica groningana, 1).

GOW, A. S. F. (ed.). **Theocritus**: edited with a translation and commentary. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1952. 2 v.

GOW, A. S. F. & PAGE, D. L. (ed.). **The Greek Anthology**: Hellenistic Epigrams. Cambridge: Cambridge University Press, 1965. 2v.

GRONEWALD, M. Bemerkungen zum neuen Poseidippos. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, v. 137, p. 1-5, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20190922>. Acesso em 18 jan. 2023.

GUTZWILLER, K. J. **Poetic garlands**: hellenistic epigrams in context. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1998.

GUTZWILLER, K. J. A new hellenistic poetry book: P.Mil.Vogl. VIII 309. *In*: KOSMETATOU, E.; BAUMBACH, M. (ed.). **Labored in papyrus leaves**: perspectives on an epigram collection attributed to Posidippus (P.Mil.Vogl. VIII 309). Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2004, p. 84-93.

GUTZWILLER, K. J. Introduction. *In*: GUTZWILLER, K. J. (ed.). **The New Posidippus**: a hellenistic poetry book. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 1-16.

- GUTZWILLER, K. J. Posidippus and ancient epigram books. *In*: HENRIKSÉN, C. (ed.). **A Companion to ancient epigram**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2019, p. 351-370. (Blackwell companions to the ancient world).
- HARDER, A. **Callimachus Aetia**: introduction, text, translation, and commentary. Oxford: Oxford University Press, 2012. v. 1.
- HARDER, A. Miniaturization of earlier poetry in greek epigrams. *In*: KANELLOU, M.; PETROVIC, I. & CAREY, C. **Greek epigram from the hellenistic to the early byzantine era**. Oxford: Oxford University Press, 2019.
- HÖLBL, G. **A history of the Ptolemaic Empire**. Trad. Tina Saavedra. London & New York: Routledge, 2001.
- HOSE, M. Hippika. *In*: SEIDENSTICKER, B.; STÄHLI, A. & WESSELS, A. (ed.). **Der Neue Poseidipp**: Text – Übersetzung – Kommentar. Darmstadt: WBG, 2015, p. 283-374.
- HUTCHINSON, G. O. **Talking books**: readings in hellenistic and roman books of poetry. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- KAMPAKOGLU, A. **Studies in the reception of Pindar in ptolemaic poetry**. Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2019.
- KÖHNKEN, A. Epinician Epigram. *In*: BING, P. & BRUSS, J. S. **Brill's companion to hellenistic epigram**. Leiden & Boston: Brill, 2007, p. 295-312. (Brill's companions in classical studies).
- KOSMENTATOU, E. Constructing legitimacy. The Ptolemaic “Familiengruppe” as a Means for Self-definition in Posidippus’ Hippika. *In*: KOSMETATOU, E.; BAUMBACH, M. (ed.). **Labored in papyrus leaves**: perspectives on an epigram collection attributed to Posidippus (P.Mil.Vogl. VIII 309). Washington, DC: Center for Hellenic Studies, 2004, p. 225-246.
- KREVANS, N. The arrangement of epigrams in collections. *In*: BING, P. & BRUSS, J. S. **Brill's companion to hellenistic epigram**. Leiden & Boston: Brill, 2007, p. 131-146. (Brill's Companions in Classical Studies).
- KREVANS, N. The editor's toolbox: strategies for selection and presentation in the Milan epigram papyrus. *In*: GUTZWILLER, K. J. (ed.). **The New Posidippus**: a hellenistic poetry book. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 81-96.
- KURKE, L. **The traffic in praise**: Pindar and the poetics of social economy. Ithaca & London: Cornell University Press, 1991.
- LAPINI, W. **Capituli su Posidippo**. Alessandria: Edizioni Dell'Orso, 2007.
- LIVREA, F. Critica testuale ed esegesi del nuovo Posidippo. *In*: BASTIANINI, G.; CASANOVA, A. (ed.). **Il papiro di Posidippo un anno dopo**. Firenze: Istituto Papirologico “G. Vitelli”, 2002, p. 61-77.

MAEHLER, H.; SNELL, B. (ed.). **Pindari carmina cum fragmentis**: pars I: epinikia. 8a. ed. Leipzig: Walter de Gruyter, 1987. (Bibliotheca scriptorum graecorum et romanorum teubneriana).

MARI, M. & STIRPE, P. The greek crown games. In: FUTRELL, A. & SCANLON, T. A. (ed.). **The Oxford handbook of sport and spectacle in the ancient world**. Oxford: Oxford University Press, 2021, p. 87-97.

MEEUS, A. Wars of successors. In: BAGNALL, R. S.; BRODERSEN, K.; CHAMPION, C. B.; ERSKINE, A & HUEBNER, S. R. (ed.). **The encyclopedia of ancient history**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013, p. 6432-6434. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah09228>. Acesso em 18 jan. 2023.

MILLER, A. M. **Pindar**: the Odes. Oakland: University of California Press, 2019.

MILLER, P. J. Horse and herald: Posidippus' equestrian angelia. **Mouseion**. Toronto: University of Toronto Press, Series III, v.16, p. 433-452, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3138/mous.16.3.005>. Acesso em 18 jan. 2023.

MINDT, N. Epigram and rhetoric. In: HENRIKSÉN, C. (ed.). **A companion to ancient epigram**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2019, p. 195-210. (Blackwell companions to the ancient world).

MITTELMAN, R. J. Macedonian, greek, or egyptian? Navigating the royal additive identities of Ptolemy I Soter and Ptolemy II Philadelphus. In: IRVIN, A. W. **Community and identity at the edges of the classical world**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2021, p. 119-137. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781119630746.ch7>. Acesso em: 23 jan. 2023.

NADIG, P. Ptolemy II Philadelphos. In: BAGNALL, R. S.; BRODERSEN, K.; CHAMPION, C. B.; ERSKINE, A & HUEBNER, S. R. (ed.). **The encyclopedia of ancient history**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013, p. 5629-5631. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah07081>. Acesso em: 18 jan. 2023.

NICHOLSON, N. Greek hippic contests. In: FUTRELL, A. & SCANLON, T. A. (ed.). **The Oxford handbook of sport and spectacle in the ancient world**. Oxford: Oxford University Press, 2021, p. 242-253.

NISETICH, F. The poems of Posidippus. In: GUTZWILLER, K. (ed.). **The New Posidippus**: a hellenistic poetry book. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 17-64.

PAGE, D. L (ed.). **Poetae melici graeci**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

PARSONS, P. J. Callimachus: Victoria Berenices. **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**. Bonn: Dr. Rudolf Habelt GmbH, v. 25, p.1-51, 1977. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20181342>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PFFEIFER, R. **Callimachus**: volumen 1: fragmenta. Oxford: Clarendon Press, 1949. (Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis).

PRADO, A. L. do A. de A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. **Classica**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.24277/classica.v19i2.123>. Acesso em: 18 jan. 2023.

PRIoux, E. Meleager of Gadara. In: HENRIKSEN, C. (ed.). **A companion to ancient epigram**. Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2019, p. 389-405. (Blackwell companions to the ancient world).

RADINGER, C. **Meleagros von Gadara: Eine literargeschichtliche Skizze**. Innsbruck: Verlag der Wagnerschen Universität und Buchhandlung, 1895.

RAWLES, R. Early epinician: Ibycus and Simonides. In: ÁGOCS, P.; CAREY, C.; RAWLES, R. (ed.). **Reading the victory ode**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 3-27.

ROCHA-PEREIRA, M. H. (ed.). **Pausaniae graeciae descriptio**. Stuttgart: B. G. Teubner, 1989-1990, 3 v. (Bibliotheca scriptorum graecorum et romanorum teubneriana).

SCANLON, T. F. Gender and Sexuality in Greek Sport. In: FUTRELL, A. & SCANLON, T. A. (ed.). **The Oxford handbook of sport and spectacle in the ancient world**. Oxford: Oxford University Press, 2021, p. 653-675.

SLATER, W. J. **Lexicon to Pindar**. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1969.

STEPHENS, S. A. **The poets of Alexandria**. London & New York: I. B. Tauris & Co., 2018.

SWIFT, L. A. **The hidden chorus**: echoes of genre in tragic lyric. Oxford University Press, 2010.

THOMPSON, D. J. Posidippus, poet of the Ptolemies. In: GUTZWILLER, K. J. (ed.). **The New Posidippus**: a hellenistic poetry book. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 269-283.

VANDORPE, K. Arsinoe II Philadelphos. In: BAGNALL, R. S.; BRODERSEN, K.; CHAMPION, C. B.; ERSKINE, A. & HUEBNER, S. R. (ed.). **The encyclopedia of ancient history**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013, p. 763-765. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781444338386.wbeah07012>. Acesso em: 18 jan. 2023.

VAN THIEL, H. **Homeri Odyssea**. Hilesheim, Zürich & New York: Georg Olms Verlag, 1991.

VAN THIEL, H. **Homeri Ilias**. Hilesheim, Zürich & New York: Georg Olms Verlag, 2010.

WERNER, C. **Ilíada**: Homero. São Paulo: SESI-SP Editora & Ubu Editora, 2018.